

O fantástico de Poe:
“Manuscrito encontrado numa garrafa” à luz de Todorov
The fantastic in Poe: “Manuscript (MS) found in a bottle”
in the light of Todorov

Peter MAC HAMILTON¹

Resumo: Para Todorov, a narrativa fantástica ocorre num mundo bem como o nosso, tal qual o conhecemos, sem a existência de seres ou eventos sobrenaturais, no qual se produz um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mundo familiar. Temos no Fantástico a hesitação experimentada de um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural. Este presente estudo objetiva analisar a importância do foco narrativo “narrador-protagonista”, com base no texto O Narrador Protagonista, de Lígia Chiappini Leite, na construção do conto Manuscrito encontrado dentro de uma garrafa – de Edgar Allan Poe, com tradução para o português de Machado de Assis – como importante obra da literatura fantástica, à luz de de Tzvetan Todorov em seu texto “A narrativa fantástica”.

Palavras-chave: Poe. Fantástico. Foco narrativo. Todorov.

Abstract: To Todorov, the fantastic narrative takes place in a world much like ours, as we know, without the existence of beings or supernatural happenings in which it is produced an event that cannot be explained by the laws of this familiar world. We have in the Fantastic narrative the hesitation experienced by a being that has no knowledge of natural laws, facing a seemingly supernatural event. This study aims to analyze the importance of the narrative focus "narrator-protagonist", based on the text O Foco Narrativ by Ligia Chiappini Leite in the development of the story Manuscript(MS) found in a bottle by Edgar Allan Poe, translated into Portuguese by Machado de Assis - as an important work of the fantastic literature in the light of Tzvetan Todorov 's “The fantastic Narrative”

Keywords: Poe. Fantastic. Narrative focus. Todorov.

Introdução

Para Todorov, a narrativa fantástica ocorre “num mundo bem como o nosso, tal qual o conhecemos” (TODOROV, 2006, p. 148), sem a existência de seres ou eventos sobrenaturais, no qual se produz um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mundo familiar. Temos no Fantástico a hesitação experimentada de um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural (*ibidem*).

Percebemos então em Poe o conto puramente fantástico, permanece a hesitação da personagem até o fim, porém hesitação atípica em sua construção. Digo puro, pois no fim deste conto não ocorre como na maioria dos contos fantásticos, nos quais o leitor, senão a personagem, toma [...] uma decisão, opta por uma ou outra solução, e assim fazendo, sai do fantástico – caminha para o *estranho*, existindo uma explicação

¹ Graduando em Letras na Universidade de São Paulo-USP.

racional dentro das leis naturais para os fatos aparentemente sobrenaturais; ou para o *maravilhoso*, no qual existem seres e acontecimentos que fogem às leis naturais. (TODOROV, 2006, p. 156)

A atipicidade do conto em sua construção é devida ao não hesitar explícito e verbalizado do personagem – embora existente – que ainda assim suscita no leitor a dúvida e tendência à narrativa para limiar entre o estranho e o maravilhoso. Tal processo é construído dentro do foco narrativo escolhido por Poe, o de narrador-protagonista.

Ligia Leite vê que desse foco narrativo o narrador conta a história “de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 2002, p. 43). A utilização de tal recurso não nos é novidade, basta lembrarmos a criação de Machado de Assis, *Dom Casmurro*. A narração parcial de Bento leva-nos à dúvida eterna sobre a fidelidade de Capitu. O narrador-protagonista nos fornece as informações de modo arbitrário e dentro de suas percepções, fazendo com que sua leitura dificilmente seja ligada a uma confiança plena.

Análise da obra

No conto *Manuscrito encontrado dentro de uma garrafa* temos como narrador-protagonista um homem de “hábitos de raciocínio rigorosos, falta de imaginação”, com uma “forte atração pela filosofia física que lhe deu o hábito de reportar os acontecimentos, mesmo os menos susceptíveis de o serem, aos princípios de tal ciência” (POE).

Apresenta-se antes de relatar tal acontecimento “sob pena de o incrível relato que se segue ser tomado mais pelo delírio de uma imaginação desenfreada do que pela experiência positiva de um espírito para o qual os devaneios da fantasia sempre foram letra morta e coisa de nulo valor” (POE).

Temos então razoavelmente claros os princípios de análise e aceitação da realidade concebida pelo protagonista que narra sua história. Esse princípio de análise em cima da filosofia física, ou seja, das leis naturais e racionalização da realidade permearão por completo sua narrativa e não podemos deixar isso de lado.

A narrativa começa em uma embarcação normal, com uma tripulação de comerciantes e algumas mercadorias. Numa noite em que diz ser de extrema calma, toda a tripulação está a descansar no convés, o narrador desce aos alojamentos com “um forte pressentimento de desastre” (POE). Pressentimento o qual não é explicado em momento algum e que é colocado mesmo após relatar que o “comandante dissesse que não se apercebia de qualquer indício de perigo” (POE). Percebemos levemente uma contradição na personagem, fazendo com que possamos desconfiar se é mesmo alguém que apenas concebe a realidade dentro das leis naturais.

Relata em seguida a morte de toda a tripulação, salvo um sueco, devido a uma trágica onda que atingiu o navio em meio a uma tempestade que parece durar dias sem parar. Em meio a tal tempestade, diz que o sol poente antes de mergulhar no mar tem sua chama central extinta de súbito, “como que pressurosamente apagada por algum inexplicável poder” (POE). Novamente o narrador nos traz elementos aparentemente sobrenaturais apresentados de modo incerto por meio da utilização do *como que*, deixando-nos aberta a interpretação da causalidade dos acontecimentos – característica do fantástico: a dúvida entre sobrenaturalidade ou desconhecimento das reais causas naturais de um fato (TODOROV, 2006, p. 148).

Após vários dias de tempestade, o narrador afirma que o mar não o ter matado “instantaneamente constituía um milagre. O meu companheiro referiu-se ao pouco peso da carga que transportávamos e recordou-me as excelentes qualidades do navio; fosse como fosse, eu não conseguia deixar de sentir o extremo desespero da própria esperança e preparei-me melancolicamente para a morte” (POE). Após levantar a hipótese de um milagre – algo sobrenatural – coloca contrapostamente elementos materiais que poderiam levar ao mesmo fim. Um ponto importante em tal passagem é a utilização do *fosse como fosse*, mostrando que ambas as interpretações são cabíveis, tanto a interpretação por meio sobrenatural quanto por leis naturais, mas não define qual é certamente, concretizando novamente a construção do Fantástico de Todorov (TODOROV, 2006, p. 148).

A narrativa prossegue com a continuidade da tempestade, uma escuridão persistente e o encontro deles com outro navio, que se choca com o que estavam, resultando na morte do sueco e na sua fuga para a nova embarcação. Esconde-se no porão devido a não se sentir “inclinado a confiar numa raça de gente que havia

revelado, perante o olhar apressado que lhes deitara, tantos motivos de vaga estranheza, dúvida e apreensão” (POE). Mostra aqui sua sensação de estranhamento em relação aos tripulantes da nova embarcação, mas não dá elementos materiais que pudessem nos fazer entender o porquê de se sentir assim – como se tal estranhamento fosse algo quase sobrenatural.

“Não pude ver-lhe o rosto, mas tive ocasião de observar-lhe o aspecto geral. Apresentava indícios de idade avançada e de doença” (POE), diz quando vê, em seu esconderijo, um dos tripulantes. É perceptível aqui ver a incerteza do narrador-protagonista em relação às outras personagens da trama quando diz *indícios*, pois desconhece o real motivo da aparência dos tripulantes, atribuindo os decrépitos traços observados a, possivelmente, velhice e doença.

Um sentimento que não sei designar apossou-se-me do espírito: uma sensação que não admite análise, para a qual os ensinamentos do passado de nada servem e, receio, nem o porvir me fornecerá a chave. Para um espírito da estrutura do meu, esta última consideração é uma tortura. Nunca hei de ser esclarecido – sei que nunca o serei – relativamente à natureza das minhas concepções. E contudo não será de estranhar que tais concepções sejam mal definidas, posto que têm a sua origem em causas tão inteiramente inéditas. Um novo sentido – uma nova entidade – foi acrescentada à minha alma (POE).

Este parágrafo é essencial para que percebamos que o personagem agora já não é mais o mesmo do início da trama, e sua mudança pode mudar também o como leva a narrativa, já que é dentro de sua visão que ela se constrói, afinal, dentro do *ponto de vista* do personagem, dentro de suas percepções e sensações (LEITE, 2002, p. 44). O personagem, bem como a trama, começa a cada vez mais equilibrar-se entre o estranho e o maravilhoso de Todorov.

Um fato curioso, dentre alguns outros, é que a tripulação não o vê, mesmo quando está defronte a qualquer dos indivíduos. Podemos perceber isso em passagens como quando diz que são “homens incompreensíveis! Imersos em meditações cuja natureza não logro adivinhar, passam por mim sem darem pela minha presença. O fato de me esconder é puro disparate da minha parte, pois esta gente não quer ver” (POE). Ou também quando relata que “há cerca de uma hora, ousei introduzir-me num grupo de tripulantes. Não me deram a menor atenção e, embora estivesse mesmo no meio de todos eles, pareceram completamente alheios à minha presença” (POE). Entre muitas outras vezes, levanta também o ponto de que

qualquer deles – os tripulantes – apresentava indícios de encanecida velhice. Os joelhos tremiam-lhes de doença; tinham os ombros duplamente abaulados devido à decrepitude; os seus rostos ressequidos abanavam ao vento; as vozes eram baixas, trêmulas e entrecortadas; os olhos cintilavam-lhes com a reuma dos anos e os cabelos grisalhos tremulavam espantosamente na tempestade (POE),

esta incessante, em meio a um negrume sem fim.

O não ser visto e a aparência dos tripulantes são dois pontos bastante curiosos e não naturais para o narrador-personagem – pois sempre parece inquieto com tais questões, colocando-as em voga recorrentemente – e também não solucionados, nem dentro das leis da naturalidade, nem admitidas como sobrenaturais, nos deixam na hesitação constante – no fantástico.

Após algum tempo na embarcação, o narrador divide conosco a sensação de que “acontece vir uma ou outra vez ao meu espírito uma sensação de coisas familiares, e a essas sombras indistintas da memória mistura-se sempre uma inexplicável reminiscência de velhas crônicas estrangeiras e de épocas remotas” (POE). Novamente temos a presença do inexplicável, e desta vez juntamente a inserção de elementos míticos por meio da citação das crônicas de épocas remotas – que normalmente tratam de elementos e temas sobrenaturais. A inserção de motivos particularmente ficcionais desfazem o ímpeto primeiro do narrador, que pretendia somente narrar aquilo que lhe parecia positivamente real.

Para manter a dubiedade da trama, o transitar entre o *estranho* e o *maravilhoso*, muitos dos traços analíticos do narrador-protagonista ainda se fazem presentes no conto, como quando tenta descobrir do que é feito o navio e percebe que o “material de que é feito é-me desconhecido, como se este tivesse sido distendido por quaisquer meios não naturais” (POE). Tais passagens servem para que não nos enganemos em relação aos ainda presentes princípios – mesmo que talvez comprometidos – de análise por meio da *filosofia física*. Temos a presença do *tivesse sido*, dando-nos novamente a representação da incerteza de qual *material* ele se constituía. Devido ao fato de não conhecer o meio natural pelo qual o material havia se processado, aparentava então ter sido sobrenatural.

Novamente, fazendo com que a obra não caminhe para fora do fantástico, não aprofunda a análise e parte para tentar descobrir o porquê da tempestade incessante e da velocidade inconcebível que o navio viaja. “Sinto-me tentado a atribuir esta repetida

salvação à única causa natural que pode explicar tal efeito: devo supor que o navio está sob a influência de uma forte corrente, de uma impetuosa ressaca” (POE). Em tal passagem, é observável que o narrador-personagem não tem plena certeza do que diz, porém precisa se prender às *leis naturais* das coisas em meio a tantas situações inexplicáveis dentro dessas mesmas leis que permeavam seu único caminho de pensamento e concepção possível de realidade no começo da narrativa.

Vemos assim que sucessivamente o narrador-protagonista se encontra cada vez mais dentro de situações as quais não consegue explicar por meios naturais – e então deixa de tentar explicá-las – e busca por situações nas quais possa aplicar tais leis. Esta característica se mostra possível pelo foco narrativo escolhido, o de narrador-protagonista. Sabendo que apenas absorvemos, como diz Lígia Leite, o conto por meio das percepções e sensações do narrador, entendemos que o modo como conta a história é permeado de parcialidades. Ao decorrer da trama, o narrador apresenta implicitamente muitas hesitações quando se relaciona com os acontecimentos ao seu redor, “hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, perante um acontecimento aparente sobrenatural”. Isso acontece em um mundo que é bem como o nosso, tal qual conhecemos (TODOROV, 2006, p.156). A trama finaliza-se sem a explicação dos porquês de nenhum dos eventos, não caminhando assim nem para o estranho nem para o maravilhoso, permanecemos inteiramente no puro fantástico.

Referências

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. “O narrador protagonista”. In: ___. **O foco narrativo**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2002.

POE, Allan. **Manuscrito encontrado numa garrafa**. Tradução: Machado de Assis. Disponível em: <http://www.gargantadaserpente.com/coral/contos/apoe_manuscrito.shtml>. Acesso em: 03 abr. 2010.

TODOROV, Tzvetan. “A narrativa fantástica”. In: ___. **As estruturas narrativas**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.